



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12594 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT24 - Educação e Arte

ENSINO DE ARTE: o corpo como potência criadora

Laura Campos Daibert - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

ENSINO DE ARTE: o corpo como potência criadora

1 INTRODUÇÃO

A construção deste objeto de pesquisa parte de um conjunto de perguntas que emergiram a partir da minha vivência como estudante na educação básica e superior e como professora de Arte na rede pública de Minas Gerais. Para mim a escola se configura como um espaço de ensino aprendizagem importante à formação humana que pouco acolhe a diferença e infelizmente muitas vezes reproduz violências sociais. As diferentes formas de manifestação da singularidade de crianças e adolescentes muitas vezes são hostilizadas e criticadas pela sociedade e pelas equipes pedagógicas que vezes repreendem a espontaneidade, o comportamento e a livre expressão do corpo das(os) estudantes.

Como artista e professora de Arte, nos ensinos Fundamental II e Médio, nas cidades de Juiz de Fora e Santos Dumont (MG), percebi que as cenas de violência apareciam ciclicamente no cotidiano escolar, tanto por parte dos(as) alunos(as) pela prática de bullying, por exemplo, como por parte de alguns professores(as) e pedagogos(as) por meio de posturas que não acolhiam as questões dos(as) estudantes de forma ética, sim de forma moralista e punitiva, estabelecendo relações de poder tóxicas aos conflitos e situações do cotidiano escolar. Vivendo esta realidade nas escolas comecei a pensar: de que maneira o ensino de arte pode contribuir corporal e intelectualmente como resistência aos modos de violência no espaço escolar?

Para a realização deste estudo, minha pesquisa de mestrado em desenvolvimento, apoiando-me no referencial teórico-metodológico com base na Filosofia da Diferença em diálogo com outros(as) autores frente aos desafios do ensino de arte com foco no Ensino Médio.

2 DESENVOLVIMENTO

Por mais que eu perceba que o ensino de Arte, enquanto disciplina curricular, contemple mais o ensino de Artes Visuais, a minha área de interesse é a inserção do corpo como potência criadora na formação de sujeitos críticos.

Quanto ao ensino de arte admito que este deva ser formado por frentes de conteúdos que perpassa pelo aporte teórico, a exemplo das importantes contribuições trazidas pela história da arte sobre a história da humanidade, mas sempre atravessadas por atividades de caráter prático como a criação de desenhos, pinturas, ilustrações etc, ao falarmos do ensino de linguagens artísticas do plano bidimensional. É comum na história do ensino de arte a presença de atividades ligadas principalmente ao desenho sem muita preocupação com técnicas (BARBOSA, 2002) e resultados estéticos ou abordagem de conteúdos da história da arte sendo menos comum a prática de atividades ligadas ao plano tridimensional que seriam esculturas, murais de grafite, instalações etc. Também é possível observar que o corpo como suporte criativo é pouco usado em atividades no ensino de arte. Nesta pesquisa que parte do espaço escolar e do ensino de arte e suas problemáticas me interessa o fato de que é pouco pensado e praticado no ensino de arte o corpo no processo de ensino aprendizagem dialogando por exemplo com a performance. Uma linguagem artística potente e contemporânea que pode ser utilizada na disciplina de arte trazendo o corpo enquanto suporte criativo.

Não faço apologia à polivalência e sim a possibilidade frutífera de que o ensino de arte possa usufruir do corpo de forma criativa, um corpo artístico performático, ao longo do processo de ensino aprendizagem. O corpo e a arte em diálogo são potências que podem auxiliar o processo de ensino e aprendizagem a partir de um corpo performático sendo o corpo, principalmente na adolescência, atravessado por profundas transformações hormonais e fisiológicas (BARBOSA, 2017).

Nós arte-educadores temos tentado superar a Educação Artística, perspectiva curricular de base militar, e provocar um ensino que dialogue mais com a arte contemporânea. Nessa perspectiva temos proposto ao processo de ensino aprendizagem de Arte a explanação de linguagens artísticas ligadas não só aos planos bidimensional e tridimensional sempre os contextualizando à história da arte, mas também, propostas educativas que dialoguem com a inclusão do corpo e dos sentidos na experiência artística. Experienciar a arte com o corpo e os

sentidos ativos é o novo paradigma e a inovação da arte contemporânea, não apenas contemplar uma tela, um desenho, uma fotografia ou algo tipo.

Nessa provocação da arte contemporânea a exemplo de *happenings*, performances e instalações o corpo se torna suporte artístico e parte da obra, o que pode ter grande serventia ao ensino de arte já que podemos criar experiências educacionais artísticas que aglutine com o corpo dos(as) alunos(as). Arte, no espaço escolar, como percepto, afecto e bloco de sensações (DELEUZE; GUATTARI, 2010 p.217).

Para Deleuze e Guattari a arte produz sensações e subjetividade por meio de um atravessamento singular e variável de uma pessoa para outra. Não há explicação racional do que gere a sensibilização, afecto, no sujeito. Para os autores “o afecto não ultrapassa menos as afecções que o percepto, as percepções. O afecto não é a passagem de um estado vivido a um outro, mas o devir não humano do homem” (DELEUZE; GUATTARI, 2010 p. 223). A arte no espaço escolar, assim como proponho, pode ser elemento constitutivo do devir por meio de experiências artísticas que incluam o corpo como suporte, corpo, arte e vida como criação e obra de arte (FUGANTI, 2007).

2.1 Pensamento, Rizoma e Educação

É inegável que o pensamento atravessa o processo de aprendizagem em todas as áreas da educação na produção e aquisição do conhecimento, que infelizmente encontram-se fragmentado em um currículo escolar desconexo. Tal questão tem sido problematizada no âmbito da educação básica por meio de práticas relacionadas tanto à interdisciplinaridade, quanto à transversalidade (GALLO, 2003). Pensando o ensino de arte em sua dimensão criadora, temos a transversalidade do pensamento e do corpo em atividades; seja a arte, a filosofia ou as ciências (DELEUZE, 1999). “A filosofia – como a ciência, a arte, a literatura – define-se, portanto, por seu poder criador ou, mais precisamente, pela exigência de criação de um novo pensamento” (MACHADO, 2009, p. 14).

Neste sentido, de maneira convergente com a visão do pensamento deleuziano, entenderemos que “a filosofia não é contemplação, reflexão, comunicação, é porque a considera criação, e criação singular, ou melhor criação de conceitos singulares” (MACHADO, 2009 p. 15). Propriamente filosófico é o ato de pensar, reinventar e criar conceitos, para a filosofia da diferença. Ato de pensar, é diferente de pensamento, sendo o primeiro uma potência inventiva fruto de um processo de violência sîgnica sobre o sujeito. Um processo involuntário à vontade do sujeito que é violado pelo signo que o desloca abruptamente levando ao ato de pensar, entrando este em processo de virtualização e atualização do devir (DELEUZE, 2009).

O pensamento é um processo caótico que também faz parte do ensino de arte, pensar é

criação e potência criadora, não como um processo sistematizado e linear, mas como um atravessamento que por meio do encontro com os signos nos levam a pensar (ibidem). Para tanto, a produção de conhecimento não estará atrelada a um processo hierarquizado, pautado na dinâmica da reconhecimento, como podemos observar na metáfora da árvore (DELEUZE; GUATTARI, 2000), concepção cartesiana do conhecimento, que revela um engessamento do pensamento, uma hierarquização disciplinar e fragmentação do conhecimento. O pensamento, portanto, não se organiza de maneira verticalizada, mas pela criação multifacetada como um rizoma. Dentro da perspectiva trabalhada no presente texto – a da Filosofia da Diferença – o conceito de rizoma, proposto por Deleuze e Guattari, remete à multiplicidade do pensamento diferentemente da perspectiva arbórea do conhecimento na lógica cartesiana, como unidade. No livro *Deleuze & a Educação (2003)* Sílvio Gallo coloca que “o paradigma arborescente representa uma *concepção mecânica* do conhecimento e da realidade, reproduzindo a fragmentação cartesiana do saber, resultado das concepções científicas modernas” (GALLO, 2003).

Nessa direção, acreditamos que um dos desafios que a educação contemporânea precisa enfrentar é a questão curricular. Como não existe uma totalidade a ser recuperada ou reestabelecida, o conhecimento é produzido na medida em que se conecta com a multiplicidade da realidade, portanto, um currículo transversal, que opere pelas multiplicidades de um devir-coletivo. Essa perspectiva se configura, possivelmente, como um caminho para dinamizarmos os processos educativos, principalmente aqueles que aqui mais nos interessa – o ensino de artes. Destacamos, uma vez mais, que o pensamento cartesiano se caracteriza pelo “paradigma arborescente implica uma hierarquização do saber, como forma de mediatizar e regular o fluxo de informações pelos caminhos internos da árvore do conhecimento” (GALLO, 2003, p. 89).

A reinvenção da educação pela via do pensamento rizomático é uma vertente defendida por Sílvio Gallo (2003) acolhida nesta pesquisa. Por entender a importância da transversalidade em tal proposta, o autor destaca a interdisciplinaridade como uma perspectiva que “aponta para uma tentativa de *globalização*, este cânone do neoliberalismo, remetendo ao Uno, ao Mesmo, tentando costurar o incosturável de uma fragmentação histórica dos saberes” (GALLO, 2003 p. 96). Já a transversalidade, dialoga com o rizoma, é vista como uma possibilidade potente ao processo de ensino aprendizagem por considerar que haja conexão entre todas as disciplinas curriculares (GALLO, 2003, p.97).

Nessa perspectiva de uma educação rizomática, de caráter transversal, acredito que o ensino de arte possa dialogar com outras áreas do conhecimento produzindo conhecimento intelectual e corporal ao processo de ensino aprendizagem. Arte e educação pela via transversal de um ensino potente que atravesse também o corpo e que possa ser potência criadora para os estudantes, de forma que estes vivenciem a corporeidade como o exercício criativo da existência, tecendo um devir que pulse criatividade, inventividade e possa expandir as possibilidades do ensino de arte para além do desenho, da pintura e de conteúdos teóricos. Gallo acredita que “o processo educativo seria necessariamente singular, voltado

para a formação de uma subjetividade autônoma, completamente distinta daquela resultante do processo de subjetivação de massa que hoje vemos [...]” (GALLO, 2003 p. 98). Precisamos desestabilizar essa educação que o objetivo final seja preparar o sujeito para o mercado de trabalho capitalista e reinventar o espaço escolar como uma instituição que acolha a diferença, a multiplicidade e sensibilize os sujeitos produzindo conexão entre as áreas do saber pela transversalidade.

Pensar e inovar a educação e o ensino de arte é preciso. Executar tal tarefa, é um desafio árduo porém, necessário em que precisamos esvaziar o copo e criar novas possibilidades mesmo que inimagináveis a um primeiro instante. Criar é extrapolar o que já está no mundo para inovar! O espaço escolar é uma importante instituição de formação humana e pode ser um espaço de sensibilização que forme os sujeitos para lidar com as questões objetivas e subjetivas da vida.

A educação rizomática seria uma proposta interessante de ser experimentada no ensino de arte, em diálogo com outras áreas do conhecimento o que chamo de transversalidade, desterritorializando a compartimentação do saber em disciplinas rasas e desinteressantes criando uma proposta educativa rizomática que acolha a diferença, os conflitos inerentes ao processo de aprendizagem e à reconstrução do conhecimento por uma via inovadora, fora da lógica cartesiana de engessamento do saber. Produzir um espaço escolar da diferença, da não fragmentação, do acolhimento e da reintegração do sujeito a uma existência, corporal e intelectual, sendo a arte criadora de campo de potência transversal às demais disciplinas do currículo do ensino médio, sem deixar de ter seu conteúdo a ser ensinado aos jovens.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionamentos são como bússolas que me guiam na prática escolar e no processo investigativo no mestrado. Repensar a educação e o ensino de arte e como este pode resitir aos modos de violências sociais me faz pensar no corpo como meio de emancipação de forma a desterritorializar a experiência educacional de um modelo educacional castrativo. É nessa direção que construo a cartografia desta pesquisa e meu devir artista, pesquisadora e professora. Pensar a educação como acontecimento com foco no ensino de arte é desafiador pois, requer que joguemos fora toda a referência tradicional que temos de atividades que devam ser dadas. Porém, é uma provocação e uma possibilidade potente de inovar as experiências que oferecemos a nossos alunos(as). Já que, acredito eu que não cabe mais insistirmos em uma educação que deposite informações, dados históricos e conhecimentos fragmentados e de forma desconexa sobre os estudantes, excluindo a expressividade corporal na construção do saber e pormenorizando a criação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **O Dilema das Artes no Ensino Médio no Brasil**, 2017 Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15702> Acesso em: 29 de Set. 2022

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Tradução de Bento prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. – 3ª ed. – São Paulo: Editora 34, 2010b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia** Vol. 1 São Paulo: Editora 34 , 2000

DELEUZE, Gilles. **O ato de Criação** Palestra de 1987 Edição brasileira: Folha de São Paulo, 27/06/1999 Disponível em: https://lapea.furg.br/images/stories/Oficina_de_video/o%20ato%20de%20criao%20-%20gilles%20deleuze.pdf Acesso em: 29 set. 2022.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Editora Graal, 2009

FUGANTI, L. **Corpo em devir**. Sala Preta, [S. l.], v. 7, p. 67-76, 2007. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v7i0p67-76. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57321>. Acesso em: 29 set. 2022.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003

MACHADO, Roberto. **DELEUZE, A ARTE E A FILOSOFIA** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009

PASSOS, Eduardo KASTRUP, Virgínia ESCÓSSIA, Liliana da / orgs **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**, Porto Alegre: Sulina Editora Meridional, 2020.

